



Senado, um clube de muitas brincadeiras

CARLOS CHAGAS

A ditadura deixou seqüelas que nem sonhamos, muitas só agora tornando-se agudas e públicas, entre centenas já conhecidas. Uma delas foi ter humilhado e marginalizado o Congresso a tal ponto que o exercício da função parlamentar virou brincadeira. Coisa tolerada pelos ditadores de plantão como forma de melhorar sua imagem externa, já que o Congresso, apesar de não poder fazer nada, funcionava. Coisa também aceita complacientemente pelos parlamentares.

Deputados e senadores, poucos resistindo, a maioria acomodando-se, desaprenderam as artes da política, passando a gastar e aproveitar-se daquele jogo jogado para a platéia. Quando a democracia voltou, foi e continua sendo difícil vestir outra vez o figurino da veracidade, da eficiência e do trabalho visando o interesse nacional. Porque o interesse pessoal, quase sem exceção, exercita-se com muito proveito e gosto.

Mais do que a Câmara, em função dos anos amargos, o Senado acabou se transformando num clube fechado. Uma espécie de ação entre amigos onde todos agiam voltados para dentro. Para eles mesmos. Virou rotina, por exemplo, para os senadores, nomear parentes e amigos para o quadro funcional da Casa. Em profusão. Se a caneta não valia para resgatar a democracia e deitar fora o autoritarismo, servia ao menos para ajeitar situações pessoais. Ficaram os senadores da situação e da oposição unidos na desgraça política, mas felizes por poder gerir o Senado como se gere um desses aristocráticos e fechados clubes de recreação.

A postura, infelizmente, não mudou. Pelo contrário, estendeu-se e atingiu os senadores eleitos em 1982, já no alvorecer das mudanças democráticas. Mas fez mais: não livrou sequer aqueles eleitos dia 15 passado. Eles entraram no clube. Cumprirão seus estatutos.

Por isso o Senado impediu a aprovação de solução lógica para os trabalhos da Assembléia Nacional Constituinte, recusando apoio à tese de que enquanto senadores e deputados estivessem elaborando a nova Constituição, o Congresso deveria ficar à sombra. Ulysses Guimarães propôs a criação de uma comissão representativa encarregada de apreciar o mínimo, apenas os projetos de lei oriundos do Executivo. O Senado vetou. Mais tarde, surgiu a alternativa de duas comissões representativas, uma formada por deputados, outra por senadores. O Senado vetou. Sugeriram o adiamento das eleições das Mesas do Senado e da Câmara, para que a Constituinte decidisse soberanamente sobre o que fazer para evitar a superposição de funções. O Senado vetou.

No fundo da irredutibilidade dos senadores está o medo. Eles não querem passar um minuto sequer despojados da plenitude de suas prerrogativas, considerando que o precedente levará ao desenvolvimento da idéia do unicameralismo, no caso de vir a ser adotado o parlamentarismo no País. Também pesaram argumentos menos nobres, como o fisiologismo e a presunção. A necessidade de manter o clube aberto. Funcionando o Senado (e a Câmara) ao mesmo tempo que a Constituinte, com as respectivas mesas diretoras e as comissões

técnicas, suas excelências disporão de mais poder para nomear, valorizar-se e cobrar caro posições e votos. Pouco importa, para eles, que a superposição contrarie a lógica e o bom senso, arriscando-se a transformar num pandemônio e numa farsa os trabalhos constituintes. Porque vai faltar tudo, de tempo a instalações, de credibilidade a mecanismos estáveis para que deputados e senadores possam discutir, votar e promulgar como deveriam a nova Carta. Afinal, são os mesmos que precisarão, no mesmo período, exercer funções normais na Câmara e no Senado.

Mas o tiro vai saindo pela culatra, porque a reação é grande, a começar pela Câmara. Líderes de todos os partidos não entendem como o egoísmo possa ter chegado a tais limites, no Senado. Amaral Netto, do PDS, dizia ontem ter o Senado demonstrado não possuir moral para exercer qualquer tipo de poder. Prometeu que, na Constituinte, lutará pelo estabelecimento do unicameralismo, isto é, pela extinção pura e simples do Senado. Classificou os fatos como uma vergonha.

Sem ser tão contundente, o líder do PMDB, Fimenta da Veiga, mostra-se perplexo. Nunca viu tanta falta de sensibilidade e está preocupado pelo que poderá acontecer. José Lourenço, do PFL, bate na mesma tecla. Não dá para entender porque os senadores vetaram a solução natural da prioridade para a Assembléia Nacional Constituinte. Os deputados serão 487, os senadores são 72. Qualquer confronto já tem seu resultado previamente conhecido. O troco pode vir por aí, depois de 1º de fevereiro, quando, mesmo de maneira torta, se iniciarem os trabalhos constituintes. A tese do parlamentarismo, ou de um sistema misto de governo, será capaz de engrossar daqui para lá. E se o presidencialismo clássico deve ceder lugar a outra forma de exercício do poder, a consequência far-se-á sentir de imediato numa pergunta: para que Senado?

Trata-se, na nossa conjuntura, de um possível exagero. A tradição do Império e da República vem consagrando o bicameralismo, apesar do enfraquecimento constitucional do Senado durante os três anos de vigência da Carta de 1934, nem se falando da de 1937, ditatorial, que simplesmente extinguiu a Câmara Alta. Parece difícil vingar qualquer proposta em condições de interromper o mandato dos senadores ou de acabar com o Senado. Mas o simples referir da hipótese, antes não considerada, dá a medida da reação, que não se limita aos deputados.

Não é de hoje que a opinião pública tem suas lupas assentadas sobre o Senado. Mordomias, tensões de alegria, farta utilização dos serviços da Casa para fins pessoais, como a gráfica, nomeação sistemática de parentes — tudo pesa contra a imagem da Casa. Mais ainda, agora, quando se sabe que graças aos senadores corremos o risco de ver prejudicada a montagem da nova Constituição. Porque o clube, essa é a verdade, interessa-se menos pela Lei Maior e fundamental do País. Bastam-lhe os estatutos particulares, dos escritos aos não escritos. No caso, porém, com uma diferença: o Senado não pode dar bola preta para a sociedade. Mas a sociedade pode dar bola preta para o Senado...